Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

ano 6 - edição 17 - Dezembro 2021

Casarão das Artes

Leci Brandão: ela é bamba!

por Etiene Martins

Canjerê

Valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Editorial

Querides!

Chegamos à 17ª edição, contando com vocês que nos acompanham e nos valorizam desde sempre!

Queremos realçar a presença, força e potência das mulheres negras e da pesquisadora Mary del Priori nas páginas desta edição.

A cantora, compositora e deputada Leci Brandão nos deu a honra e a alegria de conversar conosco sobre a sua trajetória. Daí, ocupou magistralmente as páginas da nossa matéria de capa. Pioneira em diversos espaços, funções e posicionamentos, com toda sua interseccionalidade como mulher, negra e lésbica em uma sociedade machista, racista e homofóbica, Leci mostra a que veio. Além de não deixar o samba morrer com suas composições que fazem sucesso em todas as rodas de samba do país, ela defende os direitos humanos nos palcos e no plenário da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, estado este que a elegeu deputada estadual.

A escritora moçambicana Paulina Chiziane, que foi matéria da nossa entrevista na edição passada, é a primeira mulher africana a ganhar o Prêmio Camões em 2021. Reconhecida como a mais importante premiação literária da língua portuguesa, ele contempla anualmente autores da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP pelo conjunto de sua obra.

A tradução francesa do livro “Olhos d’Água”, da escritora mineira Conceição Evaristo, recebeu o Prêmio de Obra Poética da Academia Claudine de Tencin. O livro foi publicado no país europeu pela Editions des Femmes com tradução de Izabella Borges.

Negra, empresária, artista e designer têxtil, Goya Lopes destaca-se por seu pioneirismo em difundir, por meio da moda, a cultura afro-brasileira. Seu campo de trabalho é voltado para brasilidades, na qual aborda a cultura popular brasileira e nordestina, além de ter como principais referências a história da arte africana e a arqueologia.

Por fim, trazemos relatos da escritora Mary del Priori que, nesta primeira década do século XXI, momento em que as ciências humanas são vilipendiadas e sufocadas por ideologias de segregação com pitadas de fascismo, rompe a barreira do obscurantismo trazendo mais claridade para os debates acerca da negritude e das misturas étnicas, as quais formaram o brasileiro moderno e o contemporâneo.

Boas leituras para todes!
Equipe da Revista Canjerê

Roger Deff
Editor

Foto:
Flavio Charchar

Canjerê

valorização e promoção da cultura africana e afro-brasileira

Edição 17 - Dezembro de 2021

SUMÁRIO

p6 Entrevista
Mary del Priori lança luz aos cantos escuros da História

p18 Matéria de capa
Leci Brandão: ela é bamba!

p24 África
Breve biografia de Amílcar Cabral

p26 Ensaio
Jequitinhonha: um lugar no mundo e no coração

p10 Cultura - Moda
Goya Lopes, a pioneira da moda afro-brasileira

p12 Canjerê
Canjerês em BH, Diamantina e na Bahia

p14 Gente do Canjerê
O design a serviço do bem

p16 Olhar Social
Os sinos ainda falam

p22 Negócios
A dança como um projeto de vida: conheça a BHfieira – laboratório da Dança, uma escola que visa democratizar o acesso à Dança

p29 Cultura - Literatura
Não vou mais lavar os pratos

p30 Cultura - Cinema
17 anos

p31 Cultura - Música
Edy X: rap e respeito às raízes

p32 Notícias

Colaboraram nesta edição:
Adilson Marcelino, Antonio Teixeira, Carol Jacob, Catarina Prudencini, Cleonice Silva, Cristiane Sobral, Danillo Primola, Doctor Bhu, Etiene Martins, Fernanda Luá, Flavio Charchar, GDJ, Giselle Oliveira, Goya Lopes, Igor Arvelos, Leonardo Ramaldes, Lis Pedreira, Marco Túlio Zerlotini, Mary del Priori, Otávio Souza, Pâmela Bernardo, Paulo Lima, Robson Di Brito, Selo Katuka EdiçõesTadeu Oliveira, Spotify Studios, Valeria Rodrigues e Ytallo Barreto.

Agradecemos a todos da equipe Casarão das Artes e aos parceiros do Brasil e do exterior que aceitaram o desafio de construir esta importante fonte de informação e pesquisa.

Foto da Capa:
Carol Jacob

Matéria de Capa

Leci Brandão: ela é bamba!
Etiene Martins

Apoio Financeiro.

AMBASSADE DE FRANCE AU BRÉSIL
Liberté
Égalité
Fraternité

Expediente

INSTITUTO CULTURAL CASARÃO DAS ARTES
Diretora Executiva
Maria Aparecida da Silva Santos

Curadora
Rosália Diogo

EDITORIAL
Diretora de redação
Rosália Diogo

Editor
Roger Deff

Repórteres
Moisés Mota, Sandrinha Flávia e Samira Reis

Editoração
Leonardo Oliveira e Maria Luiza Viana

Ilustração
Leo Ramaldes, Marcial Ávila e Maria Luiza Viana

Fotografia
Sol Brito
Ricardo Laf (Tratamento de imagens)

Colaboração Editorial
Naiara Rodrigues

Revisão
Paulo Roberto Antunes

CONSELHO EDITORIAL
Carlos Serra
Universidade Eduardo Mondlane - Moçambique

Edimilson de Almeida Pereira
Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

Eduardo de Assis Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais - Brasil

Filinto Elísio
Rosa de Porcelana Editora - Cabo Verde

Ibrahima Gaye
Centro Cultural Casa áfrica - Brasil - Senegal

Maria de Mazzarelo Rodrigues
Mazza Edições - Brasil

Marcial Ávila
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Maria Nazareth S. Fonseca
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Brasil

Patricia Gomes (Guiné-Bissau)
Universidade Federal da Bahia - Brasil

Rosália Diogo
Instituto Casarão das Artes - Belo Horizonte - Brasil

Av. Bernardo Monteiro, 414
Bairro Santa Efigênia
30150-280 - Belo Horizonte/MG
Telefone: (31) 3273 0601
artesdocasarao@gmail.com

Casarão das Artes

ENTREVISTA

Mary del Priori lança luz aos cantos escuros da História

Robson Di Brito

Jornalista, Escritor, Mestre em Humanidades pela UFVJM e mestrando em Artes pela UEMG: Guignard

Foto: arquivo pessoal Mary del Priori

Não é estranho perceber que a trajetória da historiadora, escritora e professora Mary del Priori a fez enfrentar a escuridão do apagamento para trazer à luz mulheres silenciadas ao longo da história brasileira. Sabiamente levou a linguagem historiográfica até o homem comum e elegeu a História como uma "Deusa" a ser cultuada. Nesta primeira década do século XXI, momento em que as ciências humanas são vilipendiadas e sufocadas por ideologias de segregação com pitadas de fascismo, rompe a barreira do obscurantismo trazendo mais claridade para os debates acerca da negritude e das misturas étnicas, as quais formaram o brasileiro moderno e o contemporâneo.

Doutora em História pela Universidade de São Paulo e Pós-doutora pela École des Hautes Études em Scienses Sociales na França, rompeu com a tradição da tão sonhada estabilidade da Acadêmica Federal para viver de suas pesquisas e da divulgação da História para o grande público.

Com mais de 50 livros publicados sobre a História do Brasil, apresentou, agora em 2021, sua nova investigação no livro "À procura deles: quem são os negros e mestiços que ultrapassam e marcaram a História do Brasil", uma extensa pesquisa sobre personagens, fatos e documentos acerca dos pretos e mestiços importantes à história nacional, mas que foram lançados ao esquecimento ou branqueamento social. Mary del Priore lançou-se à procura desses brasileiros, mulheres e homens que inspiraram e inspirarão outros ainda.

A escravidão foi um empecilho para o desenvolvimento do brasileiro e impediu uma imagem mais moderna no Brasil do império?

Há imagens que se complementam; a primeira é o enorme desprezo do império escravista, que é muito complexo, pois não é possível tratar de apenas escravidão, mas de escravidões. E o impacto dos estrangeiros ao identificar outra África no Brasil, em especial nas cidades litorâneas. Esses estrangeiros descrevem com horror os mercados de venda de humanos e ficam admirados com as classes médias mestiças. O Brasil já tinha no império no início do século XIX 45% da população de afro-mestiços livres e incorporados ao mercado de trabalho que estavam em mobilidade social e representavam um grupo de elite. A grande maioria deles intelectuais e representantes do Brasil no exterior. Nas correspondências dos viajantes e dos diplomatas, podemos identificar esses indivíduos, e a dicotomia de ter essa classe em ascensão e ao tempo o comércio de escravos; essa foi uma visão aterradora para a Europa.

A princesa Isabel não possuía nenhum interesse sobre o tema da abolição da escravatura e propriamente a libertação dos seres humanos em situação de escravidão?

Interesse diria que propriamente não, isso porque ela passa a maior parte desses anos entre o Brasil e a Europa. E além, as regências dela foram muito mal recebidas pelos políticos; ela não é vista, sobretudo, pelo seu próprio pai, como uma boa substituta para o reinado. Muitos historiadores interpretam essa atitude dela na assinatura da lei como uma ação para

uma defesa a um terceiro reinado e aos seus três filhos (homens). Ela aplica-se a isso, mas são gestos de uma mulher que vê seu reino "ir pro beleléu". E quando ela saiu para o exílio toda a sua correspondência é de saudade de casa, das amigas, mas não dá uma palavra sobre a abolição, o que impactou diretamente na queda da monarquia.

Como foi a pesquisa de "À procura deles: quem são os negros e mestiços que ultrapassaram a barreira do preconceito e marcaram a História do Brasil"?

Com muito contato que tive com as correspondências dos diplomatas, lia a identificação desses negros e mestiços, mas me perguntava: onde eles estão? Então, comecei a procurar por eles, e os encontrei em toda a parte. Em Portugal, Coimbra especificamente, identifico um número significativo de negros e mestiços estudando medicina (que precisam ser estudados); inclusive Maurício Rebouças, que está estudando na Sorbonne em Paris, e por conta de sua dissertação criou cemitérios no Brasil, pois ele prova que a doença que matou o indivíduo que era enterrado na igreja acabava por matar quem rezava pelo morto dentro do templo. Mas uma coisa é certa, o letramento foi fundamental à ascensão desses ex-escravizados e as mulheres foram fundamentais para o letramento dessas pessoas. O papel da mulher, as mães foram as grandes motivadoras dessas classes. Eu convoco as historiadoras a investigar essas mulheres – a documentação comprava que havia muitas secretarias e tesoureiras negras e mestiças nas irmandades, então não é possível afirmar que não havia letramento para essas mulheres. Agora... Claro que por conta da pandemia estava tudo fechado, as bibliotecas, os institutos, o que dificultou a pesquisa, mas mesmo assim foi um prazer essa investigação e conhecer essas histórias maravilhosas.

Este trabalho apresenta negros e mestiços ascendendo socialmente, e como você identifica o debate sobre o branqueamento social?

O branqueamento tanto se apresenta como uma defesa contra o racismo ou simplesmente uma questão de mobilidade social. Minha função como historiadora é apresentar essas pessoas, mostrar sua existência e resistência – claro que me deparo com isso, mas não sou especialista nas questões da negritude e não sou negra – eu não saberia interpretar isso, por isso deixo para os especialistas.

Sua atuação como escritora da História é profícua e de temas muito importantes para entender a História do Brasil e seus resultados no Brasil contemporâneo. Como é a recepção do seu trabalho?

Eu, quando saí do magistério, saí da USP, muitos colegas deixaram de falar comigo. Eu fui um pouco hostilizada porque há 21 anos a divulgação da História era sinônimo de lixo. Eu saí da USP para me dedicar ao meu projeto, e foi com o livro "A carne e o sangue: A Imperatriz D. Leopoldina, D. Pedro I e Domitila, a Marquesa de Santos" que lanço luz para esses personagens que não estavam na moda. Foi nesse momento que os colegas da área começaram a ler o meu trabalho e recebi boas críticas. Eu assumi esse projeto, quis fazer isso, e o que é bacana é que o meu trabalho tem inspirado grupos de estudos em regiões periféricas através dos meus livros. Isso é acessar as pessoas que precisam conhecer o Brasil e questionar essa hipocrisia da Universidade de achar que certos temas não são válidos ou que não podem entrar no ambiente acadêmico, o que afasta o povo das universidades. Estou muito feliz com a minha escolha.

Foto: arquivo pessoal Mary del Priori

Qual sua mensagem aos leitores da Revista Canjerê?

Vocês têm uma história. E digo que durante muito tempo essa história não foi incorporada a grande História. Agora, graças às cotas, números cada vez maiores de negros e mestiços nas universidades irão colocar esses grupos, essas histórias, essas personagens também na grande História. Por isso, é preciso que os trabalhos desses pesquisadores pensem nas suas histórias e contem elas, suas mães maravilhosas, suas lutas e resistências. Parabéns pela Canjerê e muito sucesso, não desistam nunca.
Ser confrontado com a História não é uma tarefa fácil, principalmente no atual momento em que o negacionismo, o revisionismo histórico e as fake News tentam apagar uma visão mais assertiva do Brasil. Mas Mary del Priori lança-se com sede e fome aos documentos, relatos e registros desta História que solicita ser contada e corajosamente ilumina os cantos escuros que foram desprezados. Em "À procura deles: quem são os negros e mestiços que ultrapassaram a barreira do preconceito e marcaram a História do Brasil" identificamos uma oportunidade de olhar face a face para um desses cantos pouco iluminados. Sua leitura é uma possibilidade de conhecer os ricos – negros e mestiços – personagens, os quais necessitam voltar a viver através de nossa leitura e memória. São os verdadeiros ancestrais que a História feita por homens, brancos, héteros e cristãos não quiseram contar. Esses são os ancestrais pretos e mestiços que o Brasil contemporâneo necessita neste instante visualizar para melhor entender sua identidade e não se permitir cair no erro de eleger ineptos como representantes deste esplêndido país.

Goya Lopes, a pioneira da moda afro-brasileira

Fernanda Luá
Jornalista pelo Centro Universitário UniFanor- Wyden e Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará

Negra, empresária, artista e designer têxtil, Goya Lopes destaca-se por seu pioneirismo em difundir, por meio da moda, a cultura afro-brasileira. Nascida em Salvador, Bahia, em 7 de maio de 1954, desde cedo, Goya foi estimulada pela família e professores ao desenvolvimento das práticas artísticas. É formada em Artes Plásticas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), em 1976, e especializada em Design, Museologia, Expressão e Comunicação Visual na Università Internazionale Dell'Arte di Firenze, na Itália, (1978-1979). Retornou ao Brasil na década de 1980 e se fixou em São Paulo a fim de ampliar seu conhecimento em estamparia e trabalhar para diversas empresas na área de decoração. Seu campo de trabalho é voltado para brasilidades, no qual aborda a cultura popular brasileira e nordestina, além de ter como principais referências a história da arte africana e a arqueologia. A fim de fundar uma marca que tivesse uma identidade própria e na qual pudesse fazer experimentações de estamparia com ilustrações de cores marcantes e tropicais que representassem a afro-baianidade, criou a grife Didara by Goya Lopes, em 1986. Segundo Goya, "Didara" é uma palavra advinda do Iorubá e significa o que é bom. No ano seguinte, em busca de expandir e popularizar sua marca, abriu uma loja na região do Pelourinho. Em 2013, Goya Lopes expandiu seus projetos e fundou a marca Goya Lopes Design Brasileira em que trabalha temáticas ligadas à cultura popular brasileira.

Fonte: Estampa Goya Lopes - arquivo pessoal

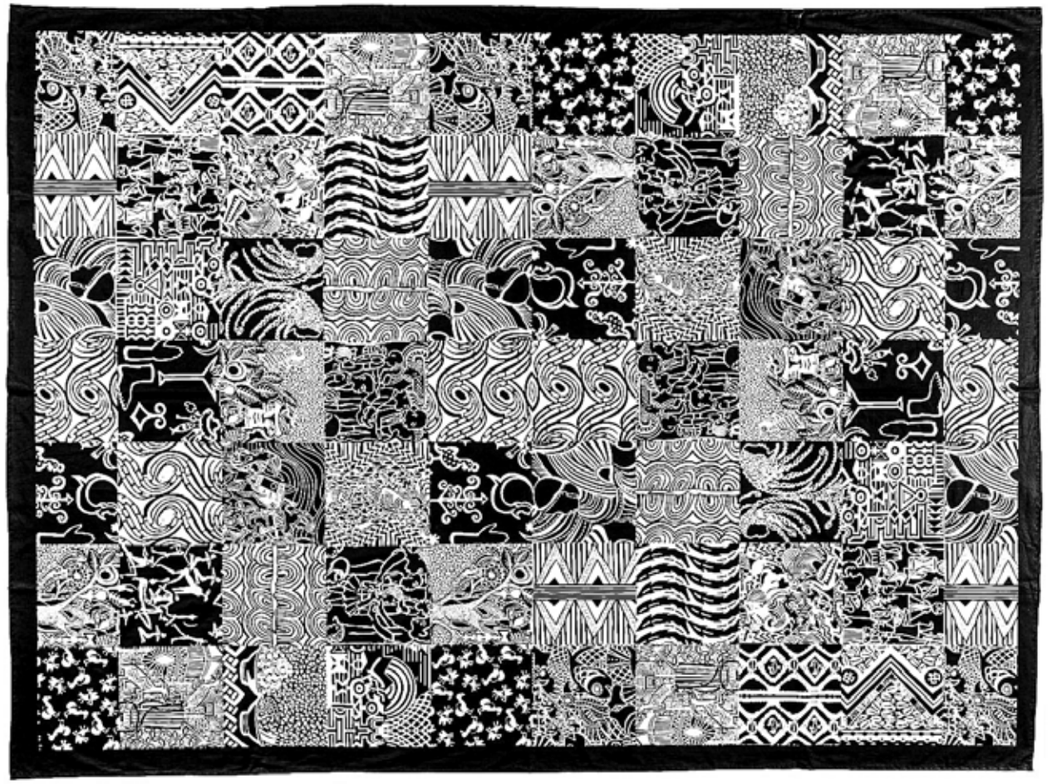
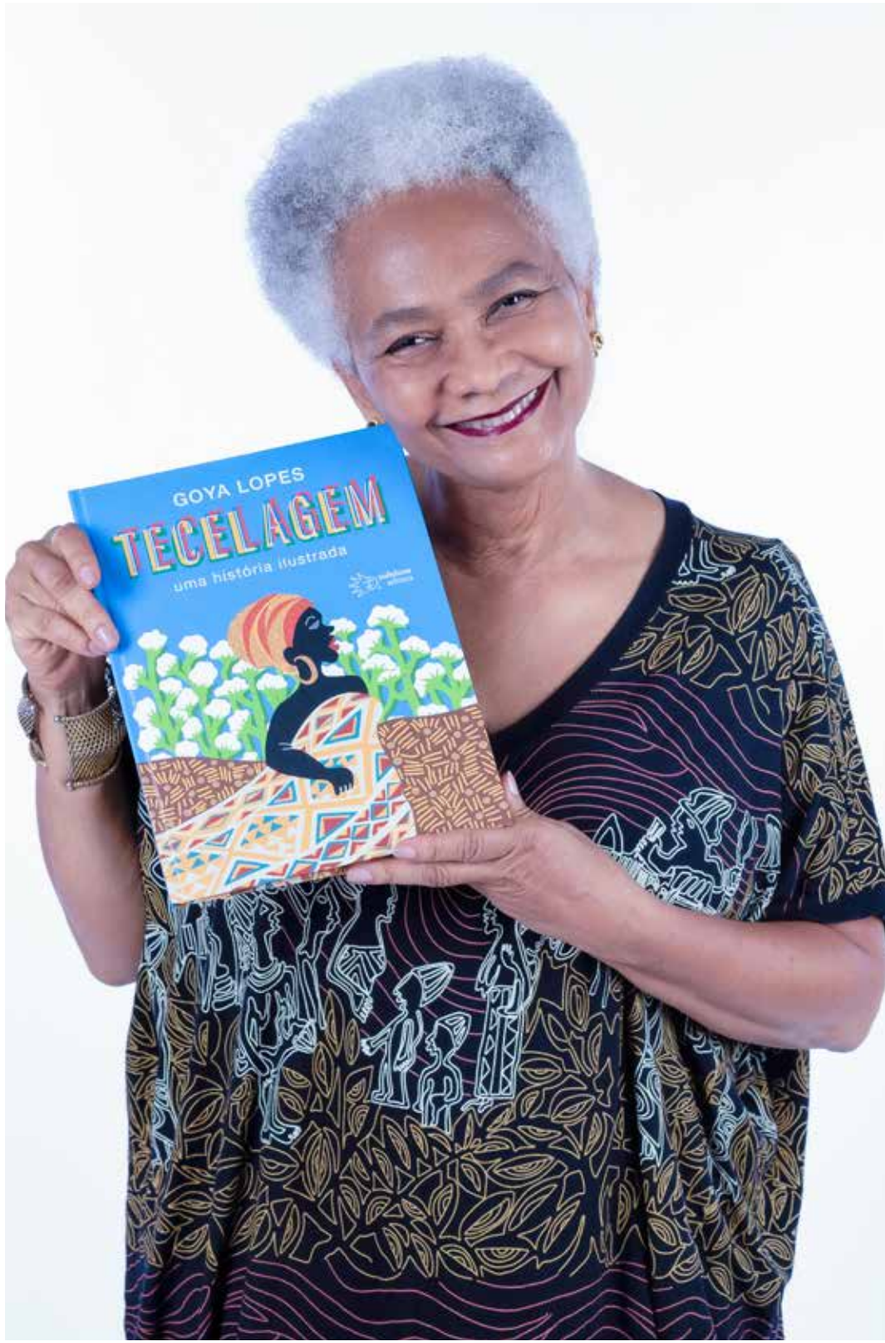


Foto: Paulo LIma



Canjerês em BH, Diamantina e na Bahia

Equipe Casarão das Artes (textos e fotos)

Em junho, o Casarão das Artes iniciou a execução do **Projeto Canjerê**, aprovado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura. Estão sendo promovidas várias atividades e debates com temáticas relacionadas à arte e à cultura de matriz africana. A programação contemplou a 4ª Mostra Conceição Evaristo – Uma homenagem à mulher negra, o lançamento da 16ª edição da **Revista Canjerê** e apresentações artísticas.

A **4ª Mostra Conceição Evaristo** apresentou duas mesas de conversas. A primeira, "Reflexões sobre a escrevivência na literatura", contou com a participação da homenageada, a escritora Conceição Evaristo, além da poeta Nívea Sabino e da escritora Constância Lima Duarte. Rosália Diogo foi a mediadora da mesa que ainda trouxe a performance de Eneida Baraúna na abertura.

A segunda mesa, "Artes que dialogam com as escrevivências", teve a participação da atriz Carlandreia Ribeiro, do ator Evandro Nunes e da multi-instrumentista Nath Rodrigues que, além de compor a mesa, ainda realizou a performance de abertura da atividade. A mediação foi de Sandrinha Flávia.

Em alusão ao **Aniversário de Independência de Moçambique**, o projeto ainda contou com o lançamento da 16ª edição da Revista Canjerê – atividade seguida por relatos históricos sobre o país e as músicas que destacaram a riqueza da cultura moçambicana.
Participaram da conversa o educador social Cláudio João Manjate e o escritor Alex Dau, ambos moçambicanos, a escritora Madu Costa e a pesquisadora Rosália Diogo.

A atividade **Canjerê Mulher** também integrou a programação do projeto no mês de julho e apresentou o show musical de Dona Jandira, com participação de Dona Elisa.

Para o Canjerê de novembro, a curadoria lança um olhar para artistas da música, da literatura, das artes cênicas, pensador@s e pesquisador@s de assuntos relacionados à arte e cultura negra que têm se destacado em atividades diversas na capital mineira. Nesse caso, Sergio Diaz e Carlandreia Ribeiro representam artistas que têm um pensamento crítico sobre as desigualdades raciais que ocorrem no Brasil e propõem uma intervenção que prima pela resistência e por agendas que impulsionam a valorização e o fomento das artes negras.

A nossa equipe esteve em Diamantina, entre os dias 13 e 19 de agosto, com o objetivo de acompanhar a **8ª Jornada do Patrimônio Cultural de Minas Gerais e Jornada Cultural – Patrimônio Afrodescendente** daquela cidade.
Destacamos a inauguração do **Cemitério dos Escravos**, no distrito de Mendanha, a visita ao **Quilombo Quartel do Indaiá** e a performance do ator, coreógrafo e bailarino das danças de matriz africana, Evandro Passos. Ele performou **"Um Negro de Quilate",** em homenagem ao ex-escravizado em Diamantina, **Izidoro**. A encenação derivou de um poema do artista visual e poeta, **Marcial Ávila**, membro do Conselho editorial da Revista Canjerê. O poema, que celebra a resistência, a sabedoria e a altivez de Isidoro, recebeu muita luz a partir da montagem de **Evandro Passos** que, ao som de atabaques, dançou e interpretou o texto de maneira contundente emocionando a todos.

O mais interessante dessa apresentação foi o fato de os dois artistas terem colaborado para a visibilidade de uma história pouco conhecida na cidade, os feitos do "Escravo Isidoro".

Uma outra agenda que nos mobilizou neste semestre foi a ida à **Bahia**, "Nossa África". Estivemos nas cidades de **Santo Amaro da Purificação** e **Cachoeira**.
Em Santo Amaro, tivemos contato com o **assentamento Maria Luíza**, destinado aos Sem Terra. Trata-se de um **Quilombo** em que a maioria de pessoas pretas plantam, cultivam e vivem de maneira tradicional os hábitos de uma boa convivência com a natureza: folhas, água e terra. **Mestre Ivan** (capoeirista) é uma das importantes lideranças locais que, com muita sabedoria, resiste aos modos de opressão do sistema patriarcal.

Foto: Giselle Oliveira

Voltamos a Diamantina em setembro para prestigiar a exposição **TRUNFOS DA FÉ**, de Marcial Ávila, que foi patrocinada pela Lei Aldir Blanc do Estado de Minas Gerais, cuja proposta é construir o diálogo entre as religiões de matrizes africanas e o catolicismo por meio da iconografia de seus Orixás e Santos, que permeiam tanto as discussões sobre arte quanto a perspectiva histórica.

Foto: Giselle Oliveira

O projeto foi produzido por Josiane Hohene e montado por Ronaldo Adriano, com a curadoria do pesquisador Robson Di Brito que produziu uma investigação exclusiva sobre o tema Santos e Orixás. Durante a exposição, aconteceu uma apresentação de dança dos Orixás que contou com a participação da Mãe de Santo Dalva e do consagrado bailarino Evandro Passos.
O encerramento da exposição contou com um debate entre Padre Mauro, coordenador do Museu dos Quilombos e Favelas Urbanos na grande Belo Horizonte, de Robson de Brito, com a mediação da pesquisadora Leydiani Peric.

O design a serviço do bem

Naiara Rodrigues
Jornalista e assessora de imprensa

Leonardo da Silva Ramaldes, mais conhecido como Léo Ramaldes, é colaborador da Revista Canjerê e membro do Casarão das Artes, o qual integra desde a fundação, em 2014. Formado em design gráfico, atua como profissional em design de superfície, na criação e produção de estampas de roupas e tecidos, além da criação de marcas para eventos e empresas. Seu interesse pelo design surgiu quando ainda era criança. Ele chegou a enveredar-se nas ciências exatas, estudando por um ano eletrônica – seu primeiro trabalho como técnico na área lhe deu a oportunidade de conhecer mais de cinquenta cidades. Porém, logo descobriu que poderia ter sua paixão como profissão.

"Desde a infância , eu desenhava muito, mas não tive uma orientação para seguir adiante nos estudos, pois não tinha acesso. Desenhar há algum tempo não era um trabalho reconhecido e isso gerava uma 'crença limitante' de que eu não podia. Além dos desenhos, também tive influência de convívio de pessoas que trabalhavam com serigrafia estampando camisetas e adesivos", explica Léo Ramaldes.

Após realizar seu curso técnico design, conheceu o artista plástico Marcial Ávila ao atuar na área, o que influenciou em sua formação. "Minha experiência se ampliou exponencialmente e meu repertório cultural expandiu por meio de outras culturas, religiões e manifestações artísticas que refinaram meu olhar para a arte", ressalta Léo, que sempre gostou de serigrafia, artes gráficas, colagens. "Tenho necessidade de dominar o processo para literalmente realizar os sonhos com trabalhos de serigrafia do início ao fim por conta própria que , em si, é uma arte saber fazer e como fazer", conta.

Entre os seus anseios almejados com a profissão está o propósito de devolver o que recebe de bom para o mundo por meio de alguma ação individual ou coletiva. "É o princípio dessa evolução que o ser humano precisa para aprender a cuidar do outro e ter a oportunidade de realizar esse trabalho de comunicar projetos e eventos enriquecedores para pessoas que precisam conhecer e se reconhecer. É uma grande uma conquista pessoal e me sinto realizado a cada oportunidade de participar", ressalta.

Como integrante assíduo, nos últimos dois anos, por meio do Casarão das Artes, Léo Ramaldes integrou projetos relevantes para a cultura negra da cidade de Belo Horizonte. "Cada evento realizado tem a contribuição de muita gente boa envolvida que coletivamente busca reivindicar uma ocupação legitima da arte e cultura afro-brasileiras nos espaços públicos e privados da cidade. Presenciar tudo isso gerou uma grande influência, me fez uma pessoa melhor por ter adquirido mais conhecimento e conceito de respeito que sempre tive para com as pessoas pretas", informa sobre o que o motivou a contribuir pela causa voluntariamente e fazer parte do projeto que para ele trouxe laços de família com a equipe.

Em 2019, participou do projeto Matriarcas Geledés, no qual Marcial Ávila representaria em suas obras a figura de matriarcas líderes de três quilombos de BH. E as pinturas foram apresentadas em evento aberto no Centro de Referência da Cultura Popular e Tradicional Lagoa do Nado, onde as matriarcas receberam as homenagens. Em 2020, o projeto Quilombos de corpo e alma ofereceu a duas comunidades quilombolas um curso de capacitação para criação de máscaras em papel colê com Marcial Ávila e oficina de dança, ministrada pelo dançarino e coreógrafo Evandro Passos. Nesse evento , eles buscaram incentivar o empreendedorismo nas comunidades quilombolas oferecendo conhecimento para produção de peças artesanais para agregar na melhoria da renda das comunidades que viveram a ameaça da COVID-19 de perto.

Já em 2021, o Casarão das Artes criou o projeto Canjerê, um evento online para homenagear personalidades pretas da cena literária e musical, com participação de Conceição Evaristo em roda de conversa, entre outros convidados.

Foto: Ricardo Lar

Os sinos ainda falam

CleoniceSilva
Jornalista formada pela Universidade Federal de Ouro Preto

Em meio às montanhas, cachoeiras e ruínas, Barão de Cocais, com mais de 3 séculos de existência, mantém viva a tradição de sineiro, preservando a memória e a identidade local.

No santuário de São João Batista, padroeiro da cidade, todos conhecem os irmãos Tito Lazarino e Ernesto.

Sr. Tito começou a tocar sino aos 13 anos de idade, quando era sacristão. Tocava para as chamadas das missas e, todos os dias às 18 horas, convocando os fiéis para a prece da 'Ave Maria', anunciando o Angelus: "Aprendi com meu irmão mais velho, João Evangelista, já falecido".

Conta que são 81 degraus até o topo da torre do Santuário que é composta por três sinos: pequeno, médio e grande. Reproduzem três tipos de toques: repique, badalada e dobre: "De acordo com o toque, a pessoa já sabe se é morte, toque festivo ou missa. Para falecimento de criança, tocava o pequeno. Para adulto, pequeno e médio. Em falecimento de membro da Irmandade do Santíssimo, tocava os três".

Foto: imagem da internet

O sino foi inventado na China há mais de 4.600 anos. Os antigos eram fabricados em metal, atualmente os modernos são fundidos em bronze.

No Brasil, a tradição da linguagem dos sinos teve origem no período colonial, durante a escravidão. Relata-se que as grandes instituições religiosas do Brasil colonial e imperial alugavam escravos para os serviços de toque dos sinos, servir refeições aos monges no claustro e segurar o livro durante a missa.

Atualmente este ofício ainda é realizado por pessoas das camadas mais pobres da população, em sua maioria negros, como os irmãos Tito e Ernesto. Hoje, com 71 anos de idade, o sr. Tito não pratica mais o ofício de sineiro. Relembra uma história marcante: "Quando o Papa João XXIII faleceu, em 1963, todas as igrejas tiveram que tocar às 06 horas da tarde anunciando o falecimento. Lembro que coloquei o sino grande com a boca pra cima porque tinha que dobrá-lo. Então virei e segurei na ponta. O badalo veio e amassou meu dedo. Até hoje tenho o dedo amassado por causa disso!".

Quem mantém a tradição ativa juntamente com dois companheiros é o Sr. Ernesto, agora com 69 anos de idade. Iniciou com 13 anos em uma comemoração de Corpus Christi: "Meu irmão estava batendo o sino, me levou lá e falou 'Você vai bater, vem cá!' Duas horas da tarde, um calor e eu suando". (Risos)

O sr. Ernesto também vivenciou histórias: "Em 2017, eu tava tocando o sino e tinha outro comigo. Falei: toca o grande que vou repicar o médio e o pequeno. Tô dobrando... Ele passou para os dois menores e eu fui dobrar o grande. Daí a pouco não tava ouvindo o som dele. Uai, tá meio esquisito. Tô dobrando, mas não tô ouvindo o barulho! Comecei a parar e quando parei, o badalo arrebentou. A procissão estava chegando. Já pensou se o badalo cai lá embaixo?! São João Batista foi tão bom que ele caiu em cima da janela da torre e ficou quietinho lá, cai que não cai. Agora cê pensa bem!...".

Com o passar dos anos, o sino sofre desgaste. O Sr. Ernesto disse que devido à uma trinca que prejudicou o som, o maior foi substituído por outro de bronze. Comenta que o atual não propaga som bonito como o original e conclui: "Já ouviu a lenda que diz que se mulher bater o sino ele trinca né?! Não lembro de nenhuma bater e ele trincou". (Gargalhadas)

Os sinos das igrejas mineiras são bens culturais. Valorizar e preservar é um exercício coletivo que privilegia a comunidade e visitantes.

Em Barão de Cocais, além de importante marco da história e da resistência negra no Brasil, os sinos também são sinônimos de fé, amor, devoção e saudade.

Leci Brandão: ela é bamba!

Etiene Martins

Mulher preta, graduada nos cursos de Jornalismo Multimídia e Publicidade e Propaganda, especialista em Comunicação e Saúde pela Escola de Saúde Pública de Minas Gerais e mestranda em comunição e cultura pela UFRJ

Foto: Antonio Teixeira

Pioneira em diversos espaços, funções e posicionamentos, com toda sua interseccionalidade como mulher, negra e lésbica em uma sociedade machista, racista e homofóbica, Leci mostra a que veio. Além de não deixar o samba morrer com suas composições que fazem sucesso em todas as rodas de samba do país, ela defende os direitos humanos nos palcos e no plenário da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, estado esse que a elegeu deputada estadual.

Carioca da gema, foi a primeira mulher a integrar a ala de compositores da Escola de Samba Acadêmicos da Mangueira, sua escola de coração. Foi a primeira cantora a se declarar homossexual publicamente, numa entrevista, em 1978, para o jornal "Lampião da Esquina" e, em 2010 foi eleita com 85 mil votos fazendo história, sendo a segunda mulher negra a ocupar um gabinete representando o povo no legislativo estadual. Em seu terceiro mandato consecutivo no estado que tem o maior número de deputados e deputadas do país, Leci recebeu a jornalista da Revista Canjerê em seu gabinete na ASLESP e contou um pouco da sua história.

"Eu sou uma pessoa sem formação acadêmica porque não frequentei faculdade, não tenho diploma de nada. Frequentei o ginásio e só. Tentei até fazer comunicação há muito anos, mas acabou que não foi possível. Com essa coisa de necessitar trabalhar e ser responsável por família foi inviável".

Racismo

A primeira situação de racismo que senti frente a frente aconteceu quando eu fui para o Colégio Pedro II onde não havia outras pessoas negras na turma além de mim. Os alunos ficavam me olhando e dizendo "tizil". Eu não entendia o que era isso.

Um dia uma amiga chegou e me disse:

Leci, isso aí é com você.

Eu perguntei: O quê que é isso?

Ela me respondeu que era um passarinho preto chamado Tizil.

Eu nem sabia que tinha um passarinho com esse nome. Eu era a única pretinha da turma e me lembro que eu usava duas trancinhas. Eu me lembro também que falei com o inspetor da turma, naquela época tinha inspetor, ele reuniu a turma toda, deu um sermão e falou: "se ela está aqui é tão inteligente como vocês. Ela fez concurso e passou e se passou é porque teve competência pra passar". A primeira situação de racismo que enfrentei foi dentro da sala de aula.

Sempre com a questão da música na minha, vida eu tento superar o racismo. Eu já fazia paródias.

Fiz uma música para uma colega de escola que se candidatou a liderança do Grêmio Estudantil.

Eu fiz a música para a Marilda Manuel, lembrei aqui o nome dela. Eu transformei uma música da época que era sucesso com um cantor chamado Sérgio Murilo. A música chamava Broto legal. A Marilda era da chapa Pedro II e, por causa da música, a menina ganhou. Fui conseguindo me destacar.

Desde então, ficou todo mundo de olho em mim porque eu fazia paródia e descobriram que eu cantava. Assim, quando tinha as festas dos dias dos professores, me colocavam para cantar e comecei a me destacar por ser a pessoa que animava as festas do colégio. Depois eu fui para o clássico, mudei de prédio porque na Tijuca só tinha o pessoal chamado Maracangalia que eram os alunos que iriam até o ginásio.

Quando você passava para o clássico e para o científico, você tinha que ir lá para a avenida Marechal Floriano onde ficava a grande sede do colégio Pedro II.

Músicas autorais

A primeira música autoral minha nasceu em razão de uma decepção amorosa. Eu me apaixonei por um rapaz da marinha. Ele estava com compromisso com uma outra moça que estava esperando um filho dele e eu não sabia. Nós estávamos namorando há uns quatro meses. Ele ia lá em casa e namorávamos na sala. Fomos ao cinema duas vezes durante um namoro que eu acreditava ser legal. Um dia, ele ligou para a escola onde eu morava me disse exatamente essa frase: "Eu vou me casar em outubro. Eu não falei nada, mas eu vou me casar com ela em outubro porque ela está gravida". Eu fiquei em choque e comecei a chorar, chorar. Eu fiquei mal, muito mal. O primeiro sofrimento de amor da minha vida foi por causa desse rapaz e por causa dele e fiz o meu primeiro samba, eu me descobri compositora por causa de uma fossa que eu tive em 1965 ou 1966. Foi uma coisa que mexeu muito com a minha cabeça e comecei a fazer música sobre tudo.

Sobre o dia a dia, sobre as situações das pessoas que eu conhecia, situações que eu via na rua, e a maioria das músicas tinham uma conotação social. O pessoal dizia que eu fazia música de protesto, que protesto? Eu não sabia que era protesto. Assim minha questão musical começa com o sofrimento.

Sobre a música Zé do Caroço, eu a fiz quando estava dirigindo. Vindo da Zona Sul pra Tijuca, comecei fazer o samba.

Eu lembro que as pessoas olhavam pra mim achando estranho porque eu estava compondo sozinha, cantando e falando. Na hora, eu não tinha um gravador disponível e como eu sou compositora intuitiva, fui cantando até chegar em casa para não esquecer. Cheguei, peguei o gravador e registrei, pois senão eu corria o risco de perder a letra. Eu não sabia que anos e anos depois, no segundo milênio, a música fosse dá no que deu.

Zé do caroço foi feita 1978 e só foi gravada 1985 porque ele foi recusado pela minha gravadora. Quando a apresentei, o repórter e me disse que eu estava fazendo um repertório muito pesado.

Eu não gravei quando a música foi feita, não consegui gravar. O primeiro grupo que gravou o Zé do Caroço foi o Art Popular em seu primeiro LP, acho que em 93.

O Zé do Caroço é uma história real.

Ele morava realmente no Pau da Bandeira, um morro que existe lá no Rio de Janeiro. Zé do caroço ligava o serviço de alto falante dele por volta de sete, oito da noite. Naquela época, a novela da Globo começava às oito horas mesmo e na rua Petrocochino havia vários prédios e em um desses morava uma família, em que havia um militar . Eles queriam assistir a novela sem barulho nenhum porque o serviço de alto falante faz barulho. Então, fizeram uma campanha para retirar o serviço de alto falante do morro, mas não conseguiram, porque a comunidade do morro se pronunciou e a polícia não conseguiu encerrar a prática.

Política

Eu não procurei a política, eu fui convidada para ser candidata do PCDOB. Foi o Netinho de Paula e o Orlando Silva que tiveram a ideia de me trazer. Eu não aceitei no primeiro momento. Eu falei com meu empresário que eu não queria saber de política, eu já dava meu recado através da música e não queria entrar nessa coisa.

Eu fui ao terreir de axé, ligado à religiosidade de matriz africana, saber o que era isso que estavam me propondo. A resposta espiritual que recebi foi a de que eu estava fazendo a defesa do seu povo musicalmente, mas agora estava na hora de eu aceitar um novo desafio. Obedeci e fui eleita em 2010 e depois, reeleita em 2014, em 2018. Eu estou aí no terceiro mandato.

Fundação Palmares

Sobre essa instituição federal, Leci nos relata: "Eu fico muito envergonhada com o que está acontecendo com a Fundação Palmares porque quando ela foi criada, eu estava lá, com o Presidente Sarney. Foi um momento muito legal para a cultura negra e para os artistas. Eu também estava na lista de pessoas homenageadas. O que me espanta é o fato de o atual presidente não ter nenhuma noção da importância do debate sobre racismo, e faz questão de não ser o que a gente precisava que ele fosse: uma pessoa com o DNA da negritude, uma pessoa que entendesse as nossas lutas, as nossas conquistas, as nossas necessidades, mas, no entanto, ele só faz coisa para derrotar a gente. Mas ele é pau mandado desse cara aí, porque eu não falo o nome desse presidente, eu não consigo falar o nome dele. Eu falo desgoverno", finaliza.

Foto: Antonio Teixeira

A dança como um projeto de vida: conheça a BHfieira – laboratório da Dança, uma escola que visa democratizar o acesso à Dança

Sandrinha Flávia
Jornalista, locutora e apresentadora

O interesse do empresário Danillo Primola, 34, pela dança começou bem cedo. Desde pequeno, já frequentava bailes com a sua mãe, adorava dançar forró com a irmã e sempre levava o primeiro lugar quando o assunto era concurso de dança.

Na adolescência realizou um de seus sonhos: ingressar em uma escola de dança, mas o sonho durou pouco tempo. Em apenas um ano, teve que se desligar da escola, pois não conseguia arcar com o valor das mensalidades. Mas quando as coisas têm que acontecer, elas acontecem. Uma amiga, professora de dança, o contratou para fazer aulas com ela, foi assim que conseguiu dar mais um passo rumo à profissionalização na dança.

Aos 23 anos, Danillo se tornou o dono de academia de dança mais novo da cidade. A escola que hoje se chama BHfieira – Laboratória da Dança oferecia aulas de bolero, forró, salsa, samba, etc.

Naquela época, não se falava muito sobre afroempreendedorismo na cidade.

Foto: Catarina Prudencini

Foto: Catarina Prudencini

Ao conhecer melhor o termo, Primola resolveu redesenhar o seu propósito de negócio focado em democratizar o acesso à dança e possibilitar que as pessoas de todas as idades e classes sociais pudessem praticar várias modalidades e não precisassem passar pelas dificuldades que ele passou.

O carro chefe da BHfieira é o samba no pé e gafieira, mas também oferece outras modalidades de dança de salão. Por conta de suas pesquisas sobre a história do samba e participações em grupos de samba da cidade, em 2008 e 2020, a PUC Minas o convidou para ministrar aulas sobre "O samba e suas Matrizes".

Em 2020 o time da escola cresceu, o dançarino e ator Igor Arvelos, que foi aluno de Danillo desde os 14 anos, tornou – se sócio Administrador da BHfieira. Igor tem uma bela trajetória na dança. No Rio de Janeiro, onde morou, foi vice-campeão numa competição de samba no pé carioca, participou de comissões de frente da Beija Flor de Nilópolis, fez trabalhos em televisão e atualmente está em turnê internacional com o YouTuber Luccas Neto. Seguindo os passos do seu mestre, Igor é o dono de academia mais novo da cidade com apenas 23 anos.

A sociedade chegou em um momento importante para o negócio, afinal, no auge da pandemia, a escola precisava sobreviver. Os dois organizaram financiamento coletivo, escreveram editais, criaram uma nova forma de se comunicar com mais humor e após oito meses com a escola fechada conseguiram sobreviver conciliando as atividades da empresa com outros trabalhos extras para se manterem financeiramente.

Hoje, após15 anos formando sambistas, Danillo se considera um profissional por vocação. Como coreógrafo da comissão de frente da Escola de Samba Acadêmicos de Venda Nova se consagrou três vezes campeão com nota máxima.

O mais novo projeto dos sócios é a Feirafro, loja de produtos para o público negro que começou em um pequeno espaço dentro da BHfieira e agora inaugurou uma loja na Feira Shopping, região de Venda Nova (BH). Para saber mais sobre os projetos da BHfieira ou Feirafro, siga nas redes sociais: @bhfieira @ feirafro.

Foto: Catarina Prudencini

ÁFRICA

Breve biografia de Amílcar Cabral

Filinto Elísio Correia e Silva

Cabo-verdiano, é professor, consultor, poeta e editor

Numa lista feita pela BBC World Histories Magazine, em 2020, o africano Amílcar Cabral foi posicionado como o segundo maior líder da Humanidade, depois do considerado o maior líder de sempre Maharaja Ranjit Singh, fundador do Império Sikh, no século XIX, mais à frente de nomes como Winston Churchill, Catarina, a Grande ou o Faraó Amenhotep III.

Apesar de grande notoriedade, Amílcar Cabral, cujos escritos estão agora submetidos ao projeto Memórias do Mundo da UNESCO, vivencia uma sutil tentativa de invisibilidade da sua figura que não só liderou um dos movimentos africanos mais bem-sucedidos contra a colonização portuguesa e marcou a autodeterminação dos povos do chamado Terceiro Mundo em plena Guerra Fria, como se afirmou como um dos grandes Humanistas, olhando para a Libertação como um ato cultural.

Nascido em Bafatá, cidade no centro leste da Guiné-Bissau, a 12 de setembro de 1924, filho de pais cabo-verdianos, Amílcar Cabral cedo muda-se para Cabo Verde e, em sua juventude, faz estudos universitários em Portugal, formando-se em agronomia.

Em primeira pessoa, Cabral assim se auto-definia: "Houve um tempo na minha vida em que eu estive convencido de que eu era português porque assim é que me ensinaram, eu era menino. Mas depois aprendi que não, porque o meu povo, a História de África, até a cor da minha pele...".

Em Lisboa, Cabral frequenta a Casa dos Estudantes do Império (CEI) e o convívio entre africanos de diferentes colônias na metrópole despertou nele uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais

Foto: Valeria Rodrigues

Fonte: GDJ

a que o sistema colonial os sujeitava e uma vontade de descobrir e valorizar as culturas dos povos colonizados. Assim, foi um dos criadores do Centro de Estudos Africanos que tinha por objetivo estudar as várias facetas da cultura africana, à semelhança do Movimento "Vamos Descobrir Angola" da "Geração Mensagem". Este fato é referido pelo intelectual e nacionalista angolano Mário Pinto de Andrade:

> *(...) Assim começamos a definir a nossa identidade de estudantes africanos, filhos da nossa terra, filhos do povo, que tinham tido a oportunidade, a "chance" de se infiltrar naqueles lugares vazios que deixava a administração colonial portuguesa para prosseguir os nossos estudos, para sermos os melhores alunos no liceu, e poder triunfar sobre o racismo (...) (ANDRADE 1973:6-8).*

Cabral efetivamente defendeu que unidade entre os dois países permitiria uma melhor compreensão e análise sobre o sistema colonial que os dominava e, paralelamente, a elaboração de estratégias coletivas de luta contra o domínio português.

Numa visita à capital guineense em 19 de setembro de 1956, propõe a formação do Partido Africano da Independência (PAI), que esteve na gênese do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), uma organização de luta que se propunha libertar os dois povos do colonialismo português.

A 23 de janeiro de 1963, após uma série de propostas de conversações apresentadas ao Governo Português e através da ONU, desencadeia, a sul do território, a luta armada de libertação nacional. Tornando-se um dos mais importantes líderes conhecedores dos ideais pan-africanistas, dos nacionalismos e das formas de consecução da independência, Cabral torna-se uma voz ativa na Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional (FRAIN) e na Conferência das Organizações Nacionalistas das Colônias Portuguesas (CONCP) que tiveram o objetivo de coordenar as lutas de libertação das colônias portuguesas.

Com uma grande preparação teórica que era capaz de executar na prática, um grande domínio do discurso e da retórica capaz de mobilizar quem o ouvia, Cabral vai-se tornar no líder incontestado da luta de libertação nacional na Guiné-Bissau e em Cabo Verde.

Tomar a Luta de Libertação Nacional como um ato de cultura é, entre todos os pensamentos de Cabral, aquele que maior impacto teve. Cabral construiu um argumento forte de que a libertação nacional era simultaneamente um fato de cultura e um fator cultural, uma vez que acreditava que a resistência cultural era a mais efetiva forma de resistência: o valor da cultura como elemento de "resistência" ao domínio estrangeiro reside no fato de esta ser a manifestação da realidade material e histórica da sociedade a dominar".

Ao examinar-se a obra de Amílcar Cabral, depara-se, imediatamente, com uma personalidade extraordinária: um homem culto, humanista, prático, ativo e guerrilheiro, que escreve sobre poesia e educação. Na vasta obra escrita que deixou, ele desenvolveu reflexões sobre temas que tratam desde a luta pela independência até os que falam sobre a poesia produzida em Cabo Verde, como sobre a cultura e a educação como fundamentos da emancipação.

Jequitinhonha: um lugar no mundo e no coração

Tadeu Oliveira Romão

Graduado em História pela FAFIDIA/UEMG com pós-graduação em Música na Educação UCM. Graduando em Música UNIS. Regente de corais no Vale do Jequitinhonha, radialista, compositor, poeta e escritor

São raras as pessoas que bebem na fonte da cultura popular do Vale do Jequitinhonha e que não se encantam por ela. Principalmente quando se tem interesse em conhecer o Brasil profundo. Comigo se deu em março de 1984, quando eu morava em BH e tive o privilégio de assistir ao show "AS ONHAS DO JEQUI" no Palácio das Artes. O show contou com a participação de Frei Chico, Gonzaga Medeiros, Lira Marques, Paulinho Pedra Azul, Rubinho do Vale, Saulo Laranjeira e Tadeu Franco. É corrente entre os militantes do movimento cultural do Jequitinhonha a afirmativa de que esse show teria sido a primeira vez que o Palácio das Artes abriu as portas para a cultura popular. Naquele dia, a força e energia das canções emanadas do mais profundo do Vale do Jequitinhonha mexeram muito comigo. Senti-me de tal forma arrebatado a ponto de vaticinar àqueles que me acompanhavam que um dia haveria de morar naquele lugar encantado. Treze anos depois, eis que os desígnios da vida me levaram para o Vale do Jequitinhonha. Não demorou e logo me vi entranhado no fazer cotidiano junto ao povo deste lugar colecionando amizades, realizando sonhos e dividindo esperanças.

Falar do Vale e sua cultura é um grande desafio. Antes, faz-se necessário adentrar um pouco na História dessa região que ficou isolada e confinada entre o nordeste e o sul maravilha, considerada o patinho feio de Minas Gerais. Porém, no subsolo dos subsolos, este lugar é uma união sem estado e de um povo único porque o Jequitinhonha tem suas raízes fincadas num Brasil imêmore e que ficou conhecido no imaginário nacional como um lugar de pobreza material e riqueza cultural. Essa dicotomia, estampada e alimentada pela mídia nacional, teve o papel de instituir "verdades" e produzir "subjetividades". Foram diversas denominações pejorativas que nem vale a pena repeti-las porque não se levou em conta os anos de exploração mineral predatória do rio aliada ao desmatamento da floresta atlântica no baixo Jequitinhonha, a apropriação ilegal da terra, o conflito agrário surgido da oposição latifúndio versus camponeses. São fatores determinantes que afetaram a economia e o meio ambiente da região: seca, esgotamento do solo, migração da mão-de-obra para outras regiões do Brasil e a falta de políticas governamentais.

O pesquisador e educador João Valdir Alves de Souza afirma que "a região entrou em profundo estado de abandono e estagnação a partir do final do século XIX, voltando a aparecer como objeto de interesse apenas a partir de meados do século XX, quando começa a ser vista como região-problema, (...) uma interpretação sustentada em ciclos econômicos (mineração, algodão, pecuária)", sem nada mais relevante.

Quando, em 1964, surge a Comissão de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha (CODEVALE), o governo federal cria programas de reflorestamento para o Alto do Jequitinhonha que causam grandes impactos regionais e provocam discussões prós e contras até a atualidade. Nos anos de 1970, um conjunto de ações governamentais aliadas a investidas da iniciativa privada modificou a estrutura produtiva da região que provocou confrontos conflituosos entre as atividades desenvolvidas nos moldes capitalistas de produção e uma formação social em que ainda subsistiam resquícios feudais.

Nos anos de 1980, vários programas governamentais trouxeram para a região vários pesquisadores, em sua maioria sociólogos, historiadores, antropólogos, geógrafos. No âmbito cultural, o artesanato, a cerâmica tornou-se o alvo preferencial, tanto que há um farto material registrado em livros e estudos acadêmicos dessa época. Vários nomes do artesanato se destacaram no cenário nacional e, inclusive, internacional: Dona Izabel, os Ulisses Pereira e Mendes, Noemísia, Ana do Baú, Zezinha, as paneleiras de Pasmado e outras mais.

A desestruturação da CODEVALE frustrou os projetos de fomentação do desenvolvimento para o Jequitinhonha. Em compensação, o processo de redemocratização do país provocou transformações sociais e políticas: a abertura, anistia, a reforma partidária de 1979/80 e as Diretas Já. Esses fatos permitiram surgir com força a imprensa alternativa que, por sua vez, possibilitou a estudantes e trabalhadores do Vale do Jequitinhonha que migraram para Belo Horizonte e outros centros urbanos, o contato com várias dessas publicações. Influenciados por novas ideias, idealizaram a criação de um jornal alternativo, em março de 1978, denominado Geraes que propunha ser um veículo de denúncia ao fazer frente à ditadura militar e promover uma organização política no Vale do Jequitinhonha que fosse capaz de desestruturar a política local se apoiando, principalmente, na interatividade com os leitores. Não demorou muito e o jornal forjou um movimento que tinha como bandeira a diversidade cultural da região: o artesanato, a poesia e a música cujos pilares se contrapunham ao discurso da pobreza, tendo a cultura popular como mecanismo para despertar a consciência popular para os problemas sociais. A construção dessas novas visões denotou o claro interesse de fomentar a constru-

Foto: Tadeu Oliveira

Foto: Tadeu Oliveira

ção do imaginário do mito jequitinhonhense e uma identidade regional singular.
Ao promover, em 1979, o "I Encontro de Compositores do Vale do Jequitinhonha", na cidade de Itaobim, o jornal se torna o principal articulador de um festival itinerante denominado FESTIVALE (Festival da Cultura Popular do Valer do Jequitinhonha). No rastro do Festivale, surgiram outros movimentos culturais em várias cidades da região. Conseguintemente, surgem novos talentos musicais: Déa Trancoso, Wilson Dias, Pereira da Viola, Lima Jr. Na área da poesia, na esteira de Adão Ventura, Gonzaga Medeiros, Paulinho Pedra Azul, Joaquim Celso Freire e Cláudio Bento abriram-se portas para Rubens Espíndola e Caio Duarte.
No início do século XXI, com o advento dos governos democráticos e populares, muita coisa mudou. As políticas públicas afirmativas promoveram a inclusão socioeconômica e cultural de pessoas historicamente privadas do acesso a oportunidades. Várias comunidades tradicionais do Jequitinhonha foram certificadas como Comunidades Quilombolas assegurando-lhes o direito à terra e à legitimação da luta contra o racismo e o preconceito. A implantação da UFVJM também se constituiu na realização de um velho sonho. Na área cultural, o surgimento do MACUCULTURA (Festival de Artes e Culturas das Comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha) e a COQUIVALE (Comissão das Comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha) encabeçam a luta por políticas públicas, empoderamento e visibilidade dos afro-brasileiros.
Na cultura, ainda mantendo sua força, novos nomes se destacam em todos os cenários artísticos sempre tendo como guia velhos mestres como Frei Chico, Lira Marques, o velho tamborzeiro e guardião dos saberes ancestrais dos escravos da região de Minas Novas e das Festas do Rosário, o Mestre Antônio de Bastião. Na linha do Frei Chico e dos Trovadores do Vale vários corais despontaram nas duas últimas décadas: Lavadeiras de Almenara, Araras Grandes, Vozes das Veredas, Ribeirão da Areia e muitos outros.
No artesanato e artes plásticas, surgiram nomes como João do Cipó, o fazedor de violas e rabecas Seu Geraldo da Viola, o jovem artesão Augusto Ribeiro, discípulo de dona Izabel. As mulheres continuam a dominar a arte: Cássia Ferraz, Vó Daguinha, Maria do Carmo, Elza Sampaio, Alice Costa e tantas outras. Importantes artistas plásticos como Marcial Ávila e Leandro Jr. abusam da criatividade em quadros e peças artesanais que dialogam com a cultura negra e com o sincretismo religioso marcadamente presente em Diamantina e Chapada do Norte. Na poesia, brilham nomes como Herena Barcelos, Ednalva Rodrigues, Trabion Mendes, Eldwin Mendes e tantos outros poetas anônimos. Na música, não poderia deixar de citar os novos talentos como Luciano Tanure, Hendrick Souza, Zaak Porto, Ivan Pestana, Pingo do Sertão, Edu do Vale, Joyce Santos e outros mais.
Sem mais delongas, termino relatando um fato pessoal muito significativo. Em abril de 2014, o Coral Vozes das Veredas foi convidado a participar do show "As Onhas do Jequi", produzido pelo Instituto Sociocultural Valemais, no Minascentro, em BH. Um revival do espetáculo de 1984. Participar desse show como regente do coral foi emblemático porque tive a honra de poder dividir o palco com todos aqueles artistas que me influenciaram. Sair da plateia para o palco foi algo encantador.
Parafraseando o genial Guimarães Rosa, encerro redefinindo a questão do espaço/território/lugar retirando as fronteiras de um espaço chamado sertão: "O Jequitinhonha é do tamanho do mundo. O Jequitinhonha é sem lugar. Jequitinhonha: é dentro da gente".

REFERÊNCIAS:

ABNER, George. **SILBY**, Aurélio e **MARTINS**, Tadeu. (Org.). Geraes: a realidade do Jequitinhonha. Belo Horizonte, NEOPLAN, 2011.

SANTIAGO, Luís. O Vale dos Boqueirões – História do Vale do Jequitinhonha. Almenara: Edições Boca das Caatingas, 1999.

SANTOS, Geraldo Tadeu de Oliveira. Movimento Cultural do Vale do Jequitinhonha – imprensa alternativa e cultural na formação da identidade regional (1978-1990). Capelinha: Monografia FAFIDIA/ FEVALE/UEMG, 2009.

SOUZA, João Valdir Alves de. Defesa do Jequitinhonha. Publicado no Estado de Minas, 01/01/2005, Caderno Pensar, p. 1.

SOUZA In **SANTOS**, Gilmar Ribeiro dos. Trabalho, cultura e sociedade no norte/nordeste de Minas: considerações a partir das Ciências Sociais. Montes Claros: Best Comunicação e Marketing, 1997.

Não vou mais lavar os pratos

Cristiane Sobral

Escritora, atriz e poeta

Não vou mais lavar os pratos.
Nem vou limpar a poeira dos móveis.
Sinto muito. Comecei a ler. Abri outro dia um livro
e uma semana depois decidi.
Não levo mais o lixo para a lixeira. Nem arrumo
a bagunça das folhas que caem no quintal.
Sinto muito.
Depois de ler percebi
a estética dos pratos, a estética dos traços, a ética,

A estática.
Olho minhas mãos quando mudam a página
dos livros, mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante.

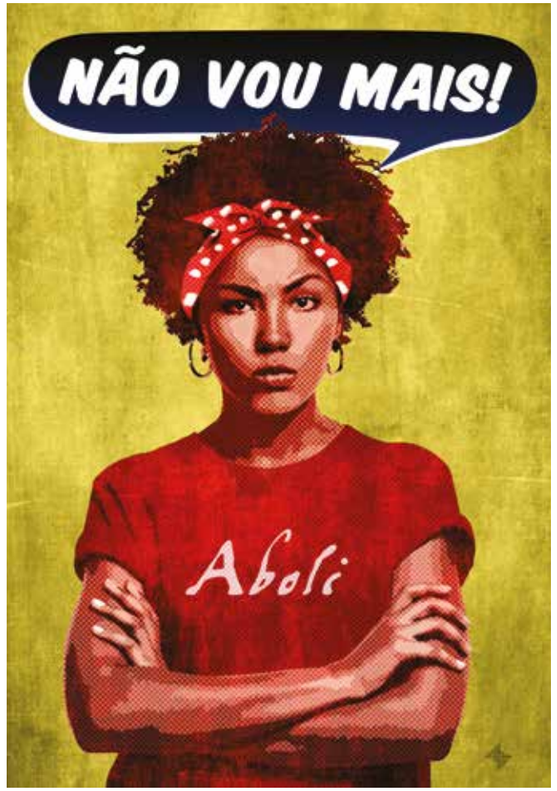


Ilustração: **Leo Ramaldes**

Designer

Sinto.
Qualquer coisa.
Não vou mais lavar. Nem levar. Seus tapetes
para lavar a seco. Tenho os olhos rasos d'água.
Sinto muito. Agora que comecei a ler quero entender.
O porquê, por quê? e o porquê.
Existem coisas. Eu li, e li, e li. Eu até sorri.
E deixei o feijão queimar...
Olha que feijão sempre demora para ficar pronto.
Considere que os tempos são outros...

Ah,
esqueci de dizer. Não vou mais.
Resolvi ficar um tempo comigo.
Resolvi ler sobre o que se passa conosco.
Você nem me espere. Você nem me chame. Não vou.
De tudo o que jamais li, de tudo o que jamais entendi,
você foi o que passou
Passou do limite, passou da medida,
passou do alfabeto.

Desalfabetizou.
Não vou mais lavar as coisas
e encobrir a verdadeira sujeira.
Nem limpar a poeira
e espalhar o pó daqui para lá e de lá pra cá.
Desinfetarei minhas mãos e não tocarei suas partes
móveis.
Não tocarei no álcool.
Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler.
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
meu tênis do seu sapato,
minha gaveta das suas gravatas,
meu perfume do seu cheiro.
Minha tela da sua moldura.
Sendo assim, não lavo mais nada, e olho a sujeira
no fundo do copo.
Sempre chega o momento
de sacudir,
de investir,
de traduzir.
Não lavo mais pratos.
Li a assinatura da minha lei áurea
escrita em negro maiúsculo,
em letras tamanho 18, espaço duplo.

Aboli.
Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata,
Cozinha de luxo,
e jóias de ouro. Legítimas.
Está decretada a lei áurea.

CULTURA - CINEMA

17 anos

Adilson Marcelino

É negro, jornalista, e pesquisador de cinema e criador do site Mulheres do Cinema Brasileiro, disponível desde maio de 2004 e premiado em 2005 pelo cineasta Carlos Reichenbach

Fotos: Marco Túlio Zerlotini

17 anos. Parece que foi ontem que o site Mulheres do Cinema Brasileiro entrou no ar. Assim como parece que foi ontem o início da pesquisa que o antecedeu e que começou em 1991. Ou seja, há 30 anos. Naquele momento, mapear a presença da mulher no cinema brasileiro começou em coluna de jornal, depois migrou para o antigo e extinto Fotolog e, por fim, transformou-se em site disponível desde maio de 2004. Pioneiro em seu recorte, o Mulheres mapeia a participação das mulheres no cinema brasileiro desde a fase silenciosa até a atual e nas mais diferentes áreas, à frente e por trás das câmeras.

São muitas as histórias durante essa trajetória que contribuíram para o registro da memória como entrevistar mulheres emblemáticas da cultura, como a atriz e cantora Vanja Orico, do clássico O cangaceiro, de Lima Barreto; a cantora Dóris Monteiro, que também atuou, sobretudo na década de 1950, e a atriz Eliane Lage, estrela da Vera Cruz.

Um Capítulo especial na história do site diz respeito às mulheres negras de diferentes áreas que o site já entrevistou, corpos pretos, artísticos e políticos. Abrindo alas, um trio de atrizes espetaculares: Ruth de Souza, em 2005, Léa Garcia, em 2004, Zezé Motta, em 2021. Além de outras como Adéle Fátima, Zezeh Barbosa, Jussara Calmon, Roberta Rodrigues, Margareth Galvão, Zora Santos e Rejane Faria. Além da primeira cineasta negra, Adélia Sampaio, em 2007, e a extraordinária montadora Cristina Amaral, em 2005.

Enfim, o site Mulheres do Cinema Brasileiro faz um trabalho de formiguinha, mas muito feliz de já ter mapeado em entrevistas, perfis e homenagens, mais de 1000 mulheres que construíram e constroem a história do nosso cinema.

CULTURA - Música

Edy X: rap e respeito às raízes

Roger Deff

Rapper, jornalista e mestrando em Artes

A cena do rap em Belo Horizonte ganhou destaque nacional nos últimos anos graças à repercussão de nomes como Djonga, Clara Lima, Renegado e Fabrício FBC para além das nossas montanhas. E a cena mineira não pára de surpreender com bons lançamentos, sempre com leituras muito autênticas e particulares do rhythm and poetry. Nesta edição destaco o álbum de estréia do rapper mineiro Edy X, intitulado “Kalango, o preto livre”. Apesar de ser um MC veterano, com mais de 20 anos de caminhada, ele só conseguiu lançar seu primeiro trabalho em 2021, graças aos recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, o que só reforça o papel das políticas públicas de cultura para os artistas oriundos da periferia.

Kalango Livre é um disco ousado, repleto de referências oriundas da música afromineira.

É um álbum que assume orgulhosamente seu sotaque e com um resultado que faz dele um dos mais interessantes lançamentos do rap neste pandêmico ano de 2021. Logo na estréia , Edy X se mostra um artista versátil e com voz própria, conferindo identidade ao trabalho.

A produção musical ficou por conta de Sérgio Pererê, Celson Ramos, Cesar Lima, Clebim Quirino e DJ Sense, além das participações de artistas da cena local como **Samora N’Zinga**, **Michelle Oliveira**, **Eduardo DW**, **May**, entre outros, além do próprio Sérgio Pererê que marca presença na faixa título “Kalango Preto Livre”. O nome do disco é uma homenagem à herança ancestral e às tradições: “trago neste disco um resgate da memória ancestral que o próprio nome Kalango nos remete. Kalango é um estilo musical usado há muito tempo no sertão de Minas Gerais e em outros estados . Eu cresci ouvindo meu avô fazendo esse calango. Ele e mais algumas pessoas faziam uma roda com sanfonas e pandeiros, faziam improvisação de versos sobre diversos temas da época muito parecido com a roda de freestyle dos Mc’s de hoje”, conta Edy.

Kalango , o Preto Livre está disponível em todas as plataformas digitais.

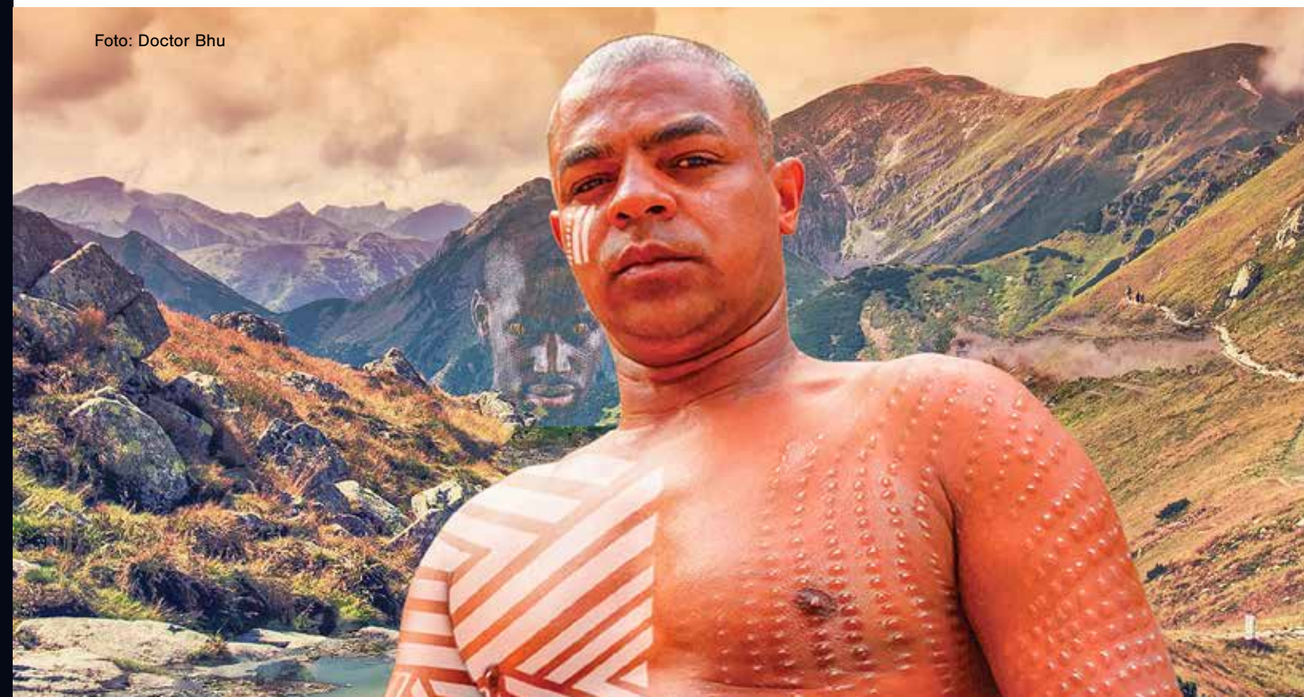


Foto: Doctor Bhu

Notícias

Equipe Casarão das Artes

Selo Katuka Edições

Fonte: divulgação

A Katuka Africanidades é um empreendimento, situado em Salvador-Bahia, que promove inscrições e mobilizações de culturas e identidades negras, através da moda, arte e literatura. O Selo Katuka Edições, da Katuka Africanidades e da Editora Devires, criado em 2020, é um projeto editorial que tem como objetivo publicar obras literárias e acadêmico-científicas de autoras (es) de Áfricas e das diásporas, compreendendo as seguintes coleções: Literaturas; Literaturas Infanto-juvenis; e Pensamentos Insurgentes.

O Selo Katuka Edições apresenta-se como uma potência editorial, nacional e internacional. Em 2021, já publicou Águas – Moradas de Memórias (Crítica Literária), de Ana Rita Santiago (Brasil); Desassossegos & Acalantos – Microcontos, de Vera Duarte (Cabo Verde); E assim, Teço Amanhãs (Poemas), de Jairo Pinto (Brasil); Xiluva – Partida de uma Flor (Poemas), de Mel Matsinhe (Moçambique). Em breve, lançará A Religiosidade no Conto Moçambicano – teoria, história e crítica, de Alberto José Mathe (Mocambique); O Amor à Deriva, organizado por Lourdes Reis Brito e Ana Rita Santiago; e Águas Cristalinas, de João Baptista (Moçambique).

Prêmio Camões

Fonte: Otávio Souza

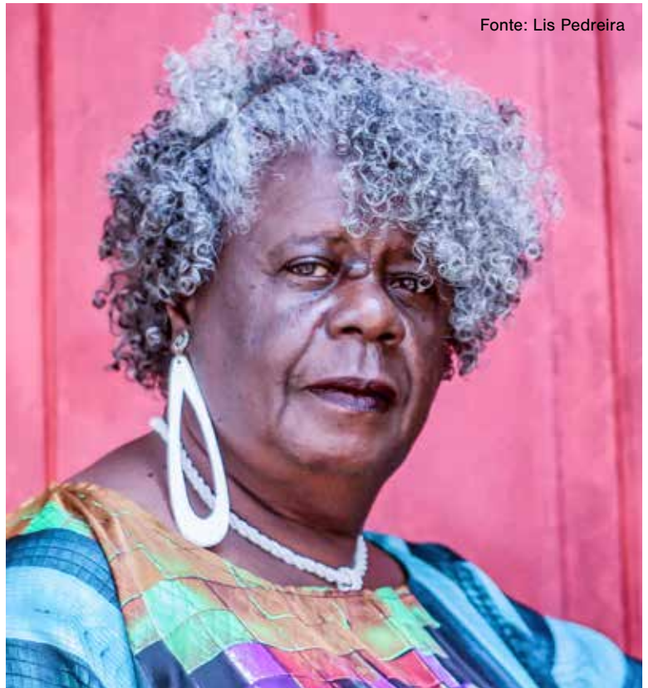
A escritora moçambicana Paulina Chiziane é a primeira mulher africana a ganhar o Prêmio Camões, em 2021. Reconhecido como a mais importante premiação literária da língua portuguesa, ele contempla anualmente autores da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP, pelo conjunto de sua obra. A comissão julgadora é composta por representantes do Brasil, de Portugal e de países africanos de língua oficial portuguesa. A autora moçambicana é reconhecida como uma das pioneiras na literatura em seu país. Seu livro “Balada de amor ao vento”, de 1990, é tido como o primeiro romance publicado por uma mulher no país. “Niketche: Uma História de Poligamia” é seu título mais conhecido, e considerado um clássico da literatura em português, com edição publicada recentemente pela Cia. das Letras. Sua obra também contém exemplares de contos e ensaios, como “As Andorinhas” e “Tenta!”, publicado pela editora mineira Nandyala, e “O Alegre Canto da Perdiz”, pela Dublinense.

Mestres dos Saberes Tradicionais recebem título da UFMG

Sueli Maxakali, Joelson Ferreira de Oliveira e Dirceu Ferreira Sérgio receberam o Título de Notório Saber na reunião do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em setembro de 2021. Sueli Maxakali, educadora, cineasta, escritora e liderança da Aldeia Verde (MG), recebeu o título de Doutora em Letras: Estudos Literários. Joelson Ferreira de Oliveira, agricultor, liderança do Assentamento Terra Vista (BA) e da Teia dos Povos, recebeu o título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo. Dirceu Ferreira Sérgio, capitão regente da Guarda de Moçambique da Irmandade do Quilombo Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis (MG), recebeu o título de Doutor em Estudos do Lazer. A concessão do título de Notório Saber foi regulamentada pela Resolução Complementar do Conselho Universitário n. 01/2020, de maio de 2020, e é dada para pessoas com alta qualificação, cuja contribuição seja relevante para sociedade. O Notório Saber atribuirá titulação acadêmica em nível de doutorado a detentores de saberes acadêmicos, científicos, artísticos e culturais, já presentes na Universidade, e de tradições indígenas, afro-brasileiras, quilombolas e outras oriundas das culturas populares. O gesto descolonizador é um importante reconhecimento dos saberes tradicionais e fortalece a políticas de inclusão que abre a universidade aos modos de vida, de criação e de pensamento não-eurocêntricos.

Foto: Ricardo Laf

Escrevivências premiadas no exterior



Fonte: Lis Pedreira

A tradução francesa do livro “Olhos d’Água”, da escritora mineira Conceição Evaristo, recebeu o Prêmio de Obra Poética da Academia Claudine de Tencin. O livro foi publicado no país europeu pela Editions des Femmes, com tradução de Izabella Borges. No Brasil, a coletânea de contos foi publicada em 2014 pela editora Pallas, trazendo a história de personagens marcantes como Duzu-Querença, Natalina, Salinda, Luamanda, Cida, Zaíta, Maíta, entre outras. Celebrada pelo Prêmio Jabuti em 2019 como personalidade do ano, Conceição Evaristo tem outras obras publicadas no exterior, entre elas sua publicação mais celebrada, “Ponciá Vicêncio” (2003), que foi lançada nos Estados Unidos, pela Host Publications e, na França, pela Anacaona. Já “Becos da Memória” (2006) virou “Banzo, mémoires de la favela”, também lançado na França.

Foto: Ytallo Barreto

Ciranda do Nordeste

A Ciranda do Nordeste foi reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), fazendo com que o país passe a ter 50 bens registrados como patrimônio imaterial. A Ciranda do Nordeste é uma manifestação cultural que une música e poesia para embalar uma dança de roda, elemento central de sua expressão. Possui singularidades estéticas, poéticas e musicais que a diferenciam de outras modalidades de ciranda s praticadas no Brasil como o baile popular de Paraty. A Ciranda está rodeada de significados que envolvem o balanço do mar, os ciclos da vida e as brincadeiras de criança. Na roda de ciranda, são trazidos à tona sentimentos de celebração e pertencimento a um lugar e a uma história, seja das cirandas à beira mar, seja das noites de festa nos engenhos da Zona da Mata Norte de Pernambuco (composta por 19 municípios do estado). A cirandeira pernambucana Lia de Itamaracá celebrou o título em post em suas redes sociais “Agradeço a todos que apoiaram e divulgaram o brinquedo da Ciranda. Na minha Ciranda , tem muitas mãos que ajudaram no reconhecimento do nosso trabalho”, destacou a artista.

FAN-BH

A 11ª edição do Festival de Arte Negra de Belo Horizonte – FAN BH está prevista para acontecer em dezembro e, pela primeira vez, em formato híbrido, reunindo atividades presenciais e virtuais. O FAN BH 2021 parte das conexões culturais entre Brasil e África, mais especificamente das influências da cultura bantu na formação da identidade brasileira e suas relações com Minas Gerais. Esta edição destaca o desejo de aproximação – através dos encontros, reflexões, trocas de experiências, de afetos – a partir de processos criativos colaborativos que se darão durante o festival. A programação é gratuita e abre espaço para apresentação de artistas, grupos e coletivos das mais diversas áreas artísticas como artes cênicas, artes visuais, artes integradas, audiovisual, cultura popular, cultura urbana, literatura e música. Informações completas em: portalbelohorizonte.com.br/fan

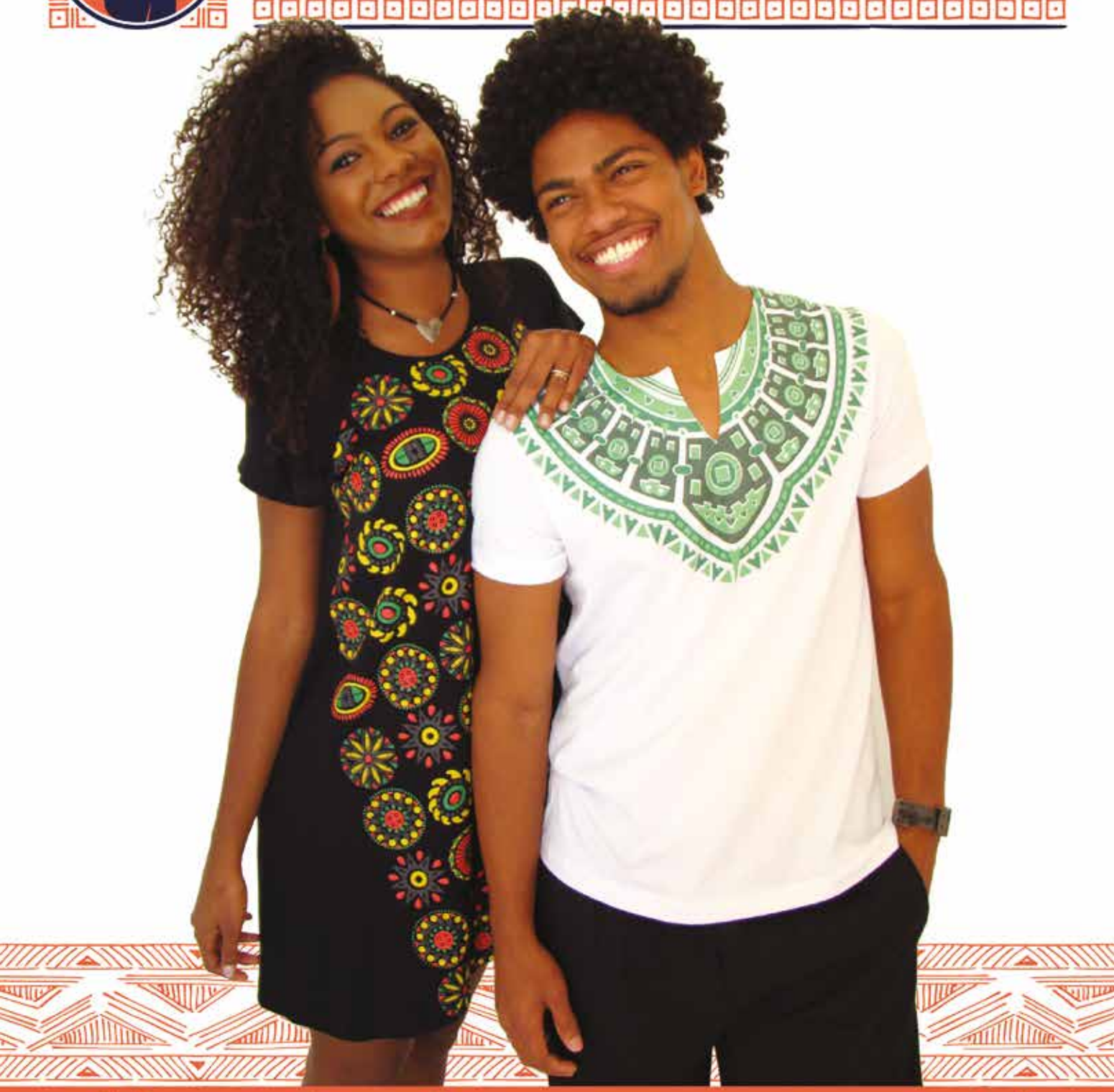
Foto: Pâmela Bernardo

Foto: Spotify Studios

Mano a mano

O rapper Mano Brown lançou o podcast “Mano a mano”, original do Spotify, figurando já na semana de estreia entre os mais ouvidos da plataforma. Lançado em agosto, a proposta é que sejam 16 episódios que vão ao ar sempre às quintas-feiras na plataforma em que o MC conversa com personalidades de diferentes cenários, passando pelo esporte, a política, a música e a religião. De acordo com Brown, a proposta é ampliar a visão e o debate trazendo diversidade de ideias e pensamentos com profundidade e respeito. Entre os participantes que já passaram pelos estúdios do rapper estão Karol Conká, Lula, Drauzio Varella, Leci Brandão, entre outros.

CHICA DA SILVA



Alegria de quem veste!

chicadasilva.com.br